

# Você Ainda Me Guarda

Cacau Vilardo



**Você ainda me guarda**



# Você ainda me guarda

Cacau Vilar do



INM Editora

Copyright © 2026 Cacau Vilardo

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei Nº. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei Nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004 e a Lei Nº. 12.192, de 14 de janeiro de 2010.

**Editores:** Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes  
**Diretor Comercial:** Bruno Ricardo Gomes  
**Revisão Gramatical e Preparação do Texto:** Cacau Vilardo  
**Capa e Diagramação:** Caren Dantas  
**Gerente Administrativo:** Anderson Pedrosa  
**Estagiário:** Ryan Aranha

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP):

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Vilardo, Cacau Você ainda me guarda / Cacau Vilardo. -- São Paulo : INM Editora, 2026.  ISBN 978-65-85823-44-9  1. Literatura brasileira I. Título.  26-351618.1  CDD-B869
--

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira B869

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

INM Editora  
Avenida Paulista, 326 - Sala 41 - Bela Vista  
São Paulo-SP - CEP: 01307-002, Tel.: (11) 5026-7748

contato@inmeditora.com.br  
inmeditora.com.br  
Instagram: @inmeditora  
Facebook: /inmeditora



## *Agradecimentos*

À Claudia Chigres, por sua leitura atenta.  
A todos aqueles, familiares e amigos, que, com suas histórias,  
me inspiraram ao longo do caminho.



Ela me contou.  
E eu soube.  
Não pedi, não quis.  
Mas agora sou a que sabe.

O segredo —  
seco, sem forma,  
sem rosto.  
Mas ainda assim, vivo.

Não era meu.  
Mas passou a ser.  
Grudou na pele,  
penetrou nos ossos.

Ela falava como quem acende fósforo.  
Para ela, era libertação.  
Para mim, fumaça.  
Silêncio espesso.

Tentei enterrá-lo.  
A sete palmos dentro de mim.  
Não coube.  
Regressou à superfície.

Entre nós,  
um pacto não assinado.  
Uma ponte torta.  
Manca e ferida.

O segredo era profano.  
O silêncio, todavia, sagrado.

E os outros?  
Seguíam,  
com suas dores comuns,  
sem a minha sentença.

Senti raiva.  
Por que eu?  
Por que agora?

Descobri logo depois:  
houve outro antes de mim.  
Também soube,  
também calou.

Partiu  
e me deixou a herança,  
essa coisa sem rosto  
que pesa e não fala.

Desde então,  
carrego o segredo  
como quem carrega  
um corpo que ainda respira.

Ele me visita,  
me silencia.  
E quando penso que foi embora,  
responde de volta:  
aqui estou,  
e você ainda me guarda.